

## A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO AMBIENTE ESCOLAR

### THE IMPORTANCE OF FINANCIAL EDUCATION IN THE SCHOOL ENVIRONMENT

### LA IMPORTANCIA DE LA EDUCACIÓN FINANCIERA EN EL ENTORNO ESCOLAR

54

**CÉLIA BENVINDA AZEVEDO SOARES MOREIRA**

Docente da UEG - Universidade Estadual de Goiás,  
Campus Caldas Novas (GO)  
celia.soares@ueg.br

**IZABELLA SOARES MOREIRA**

Graduada em Ciências Biológicas pela Pontifícia  
Universidade Católica de Goiás  
izabellasoares11@hotmail.com

**EVA SANDRA FERNANDES DA CUNHA**

Docente da UEG - Universidade Estadual de Goiás,  
Campus Caldas Novas (GO)  
evasandrafc@gmail.com

**Resumo:** O presente manuscrito descreve a educação financeira como uma prática que deve começar desde cedo na vida das pessoas, ela garantirá que as famílias se organizem financeiramente para realizarem seus sonhos. Para alcançar o objetivo almejado neste artigo, foram realizadas pesquisas bibliográficas e levantamento de dados através de questionários respondidos pelos alunos do ensino fundamental de escolas públicas e particulares de Caldas Novas- GO, bem como de questionários respondidos por seus pais e responsáveis, onde foram feitas as análises dos dados obtidos na pesquisa e, assim, apresentando os resultados deste artigo.

**Palavras-chave:** Caldas Novas; Escola; Família; Cotidiano; Dinheiro.

**Abstract:** The present manuscript describes financial education as a practice that should start early in people's lives, it will ensure that families are financially organized to make their dreams come true. In order to achieve the objective sought in this article, bibliographic research and data collection were carried out through questionnaires answered by elementary school students from public and private schools in Caldas Novas-GO, as well as questionnaires answered by their parents and guardians, where they were made the analysis of the data obtained in the research and, thus, presenting the results of this article.

**Keywords:** Caldas Novas; School; Family; Daily; Money.

**Resumen:** El presente manuscrito describe la educación financiera como una práctica que debe comenzar temprano en la vida de las personas, asegurará que las familias estén financieramente organizadas para hacer realidad sus sueños. Para lograr el objetivo buscado en este artículo, la investigación bibliográfica y la recopilación de datos se llevaron a cabo mediante cuestionarios respondidos por estudiantes de escuelas primarias de escuelas públicas y privadas en Caldas Novas-GO, así como cuestionarios respondidos por sus padres y tutores, donde fueron realizados El análisis de los datos obtenidos en la investigación y, por lo tanto, la presentación de los resultados de este artículo.

**Palabras-clave:** Caldas Novas; Escuela; Familia; Vida cotidiana; Dinero.

## Introdução

O presente trabalho descreve a educação financeira como uma prática que deve começar desde cedo na vida das pessoas, ela garantirá que as famílias se organizem financeiramente para realizarem seus sonhos. Essa organização deve envolver todos os membros da família, por isso é fundamental que as escolas em conjunto com a família despertem na criança a necessidade do uso racional do dinheiro e em contrapartida as vantagens alcançadas através desta conscientização.

O envolvimento dos pais para complementar a educação dos filhos é de total importância, uma vez que é em casa que, na maioria das vezes, é posto em prática o que é aprendido na escola. Os pais servem de modelo para as ações dos filhos, incorporar tarefas rotineiras com a finalidade de incluir finanças no cotidiano leva as crianças a entenderem e a criarem barreiras aos apelos do mundo capitalista, onde o consumismo fala alto e influencia o modo de vida das pessoas, tornando-se um ciclo vicioso. O consumo desenfreado é enaltecido e as pessoas que não se enquadram nesses moldes são tidas como ultrapassadas.

A Educação Financeira no âmbito familiar proporciona uma vida econômica saudável e a realização dos objetivos traçados através das estratégias estabelecidas entre os membros da família. A inclusão, nas escolas, da disciplina Educação Financeira na matriz curricular possibilitará a formação de pessoas, incluindo todos os envolvidos, a preparação e o uso de ferramentas para auxiliar os pais formando cidadãos mais conscientes quanto ao consumo e menos endividados, colaborando para a economia e o desenvolvimento do país.

Para alcançar o objetivo almejado neste artigo, foram realizadas pesquisas bibliográficas e levantamento de dados através de questionários respondidos pelos alunos do ensino fundamental de escolas públicas e particulares de Caldas Novas- GO, bem como de questionários respondidos por seus pais e responsáveis, onde foram feitas as análises dos dados obtidos na pesquisa. Para realização deste trabalho foi executado inicialmente e pesquisa bibliográfica. Assim, este estudo ocorreu a partir do método hipotético dedutivo, que se iniciou com o levantamento de material sobre o tema abordado a leitura e a coleta de dados para conhecimento e enriquecimento do trabalho.

De acordo com Santos, Tiradentes e Santos (2010, p. 13), o trabalho de campo

é um “procedimento que permite a leitura direta e enriquecedora das tramas sociais que ocorrem no lugar, paralelamente ao desenvolvimento de atitudes, revela, para sua realização, uma série de decisões práticas que muito dependem das experiências do pesquisador”. Segundo Rampazzo a pesquisa bibliográfica.

[...] procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas (em livros; revistas, etc.). Pode ser realizada independentemente, ou como parte de outros tipos de pesquisa. Qualquer espécie de pesquisa, em qualquer área, supõe e exige uma pesquisa bibliográfica prévia, para o levantamento da situação da questão, quer para fundamentação teórica, ou para justificar os limites e contribuições da própria pesquisa (RAMPAZZO, 2005, p. 52).

Feita a seleção do material, a próxima etapa foi ler, analisar e interpretar, além de, durante a pesquisa de campo, realizar anotações para serem usadas na fundamentação teórica do artigo. O trabalho de campo ocorreu entre os anos de 2014 a 2016. Nas escolas públicas e privadas do município de Caldas Novas foram realizadas oficinas e palestras para alunos do nível fundamental. Após as palestras foram entregues questionários, respondidos pelos alunos do ensino fundamental e por seus pais, totalizando 590 questionários dos alunos e 109 dos pais. Esses compõem os resultados deste artigo.

### **Educação financeira: um tempo de aprender**

Para definir Educação Financeira, primeiro temos que entender o significado de finanças que, de maneira mais simples, é definida como os meios disponíveis para a aquisição de bens e serviços através de transações e negócios realizados entre empresas, governo e pessoas. Para Gitman (1997, p. 586), uma definição adequada de finanças é:

A arte e a ciência de administrar fundos. Praticamente, todos os indivíduos e organizações obtêm receitas ou levantam fundos, gastam ou investem. Finanças ocupam-se do processo, instituições, mercados e instrumentos envolvidos na transferência de fundos entre pessoas, empresas e governo.

Assim, a Educação Financeira não se resume apenas a se doutrinar com a finalidade de gastar com racionalidade, poupar e investir com segurança vai muito, além disso; ela ensina a planejar e otimizar as receitas obtidas com a finalidade de garantir uma qualidade de vida atualmente sem comprometer o futuro, quando os recursos não forem mais os mesmos, garantindo uma aposentaria tranquila. Uma pessoa que aprende

a gerir seus recursos, gastando-os adequadamente, durante sua infância/juventude, certamente irá obter uma aposentadoria equilibrada, sem necessidade de permanecer trabalhando, quando deveria estar usufruindo de sua aposentadoria com recursos suficientes (GITMAN, 1997).

A minoria de aposentados consegue manter-se financeiramente, enquanto a maioria tem que continuar trabalhando ou necessita da ajuda de terceiros para ter qualidade de vida. Com a expectativa de vida crescendo as pessoas viverão mais, com isso devem preparar-se melhor de forma a possuir recursos suficientes, na terceira idade, mantendo seu padrão de vida. O site G1, em 21/09/2016, tratou sobre esse assunto:

Mais de um terço das pessoas acima de 60 anos que já estão aposentadas no Brasil continuam trabalhando, segundo pesquisa divulgada pelo serviço de proteção ao crédito (SPC Brasil) e pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL). A proporção é de 33,09%. Considerando os aposentados que tem entre 60 e 70 anos, o percentual dos que trabalham sobe para 42,3 %.

Nessa mesma reportagem também é apresentado um gráfico (quadro 1), onde demonstra quais foram as respostas dadas pelos aposentados quando questionados pelas razões para continuarem trabalhando.

**Quadro 1-** Razões para continuar trabalhando

Respostas de aposentados em %	
Renda insuficiente	46,9%
Ocupar a mente	23,2%
Sentir-se produtivo	18,7%
Ajudar a família	9,1%

**Fonte:** Infográfico site G1, 21/09/2016.

Nesse entremeio, como exemplo para as pessoas, as organizações, sejam elas públicas, privadas, familiares entre outras devem se preparar para gerir suas finanças com o objetivo de estabelecer metas que assegurem uma saúde financeira que irá garantir, no caso das empresas, longevidade no mercado, e das famílias a realização dos seus sonhos.

Para tanto, e no caso de empresas públicas, foi promulgada a Lei Complementar n. 101 de 04 de maio de 2000, conhecida como Lei de Responsabilidade Fiscal, onde estabelece parâmetros para que as empresas públicas não gastem mais do que arrecadem nem contraiam despesas ao qual não suportem. Para as famílias não

existe lei que os obriguem a gastar menos e com responsabilidade, como as empresas públicas, pois seus recursos são privados, portanto a única forma de fazer com que as famílias obtenham melhor saúde financeira é através da educação. A necessidade de educar faz-se constante, e deve ser analisada e adequada para a realidade de cada lugar. Para D'Aquino (2008, p. 10):

Educar não é tarefa fácil. Sobretudo quando se trata de educar num cenário em que a ética do consumo, as rápidas transformações dos vínculos familiares e a novidade de viver num ambiente de economia estável se juntam para nos confundir, Todavia, mesmo difícil, cansativa e tantas vezes desorientadora, a aventura de proteger, formar e emancipar alguém a quem se quer tão bem não tem paralelo em prazer e amor. Ensinar os filhos a lidar com o dinheiro é parte fundamental nesse processo.

Desse modo, traçar metas com foco nos objetivos requer abrir mão de alguns hábitos que temos e, em algumas vezes, nem nos damos conta de como eles impactam no orçamento do mês e quando não representamos esses gastos no papel, por meio de planilhas, fazendo um controle das despesas e um comparativo com as receitas, não temos noção desse impacto, a partir desse comparativo podemos adotar algumas medidas que farão com que tenhamos um equilíbrio e posteriormente podemos fazer investimentos com o objetivo de o dinheiro trabalhar ao nosso favor.

Obter Educação Financeira já no início da educação familiar e, posteriormente, no início da vida acadêmica, pode fazer grande diferença no futuro financeiro de cada indivíduo, conforme a palavra de Kioyosaki:

Como os estudantes deixam a escola sem habilidades financeiras, milhões de pessoas instruídas obtêm sucesso em suas profissões, mas depois se deparam com dificuldades financeiras. Trabalham muito, mas não progredem. O que falta em sua educação não é saber como ganhar dinheiro, mas como gastá-lo - o que fazer com ele depois de tê-lo ganho. E o que se chama aptidão financeira (que você faz com o dinheiro depois que o ganhou). Uma pessoa pode ser muito instruída, bem-sucedida profissionalmente e ser analfabeta do ponto de vista financeiro [...] (KIOYOSAKI, 2000, p. 81).

A educação nos primeiros anos de vida da criança mostra-se essencial para sua formação pessoal e social, sendo que a forma que se gasta e economiza recursos, irá influenciar sua capacidade futura de também fazê-lo. Essa tarefa se torna ainda mais difícil, pois os pais que não obtiveram essa educação, dificilmente terão capacidade de educá-los, conforme D'Aquino (2008, p. 9), "como não aprendemos, precisamos agora esforçar-nos em dobro para ensiná-la a nossos filhos".

A sociedade capitalista nos impõe que devemos consumir cada vez mais, o mercado lança produtos com versões modernas em alta velocidade e psicologicamente nos induz a esse consumo desenfreado, se não somos educados financeiramente ficamos reféns deste mercado, onde consumimos para atender aos padrões sociais e não para suprir nossas necessidades, e com isso ficamos cada vez mais endividados.

### **A importância da educação financeira no ensino fundamental**

O maior estimulante para implantação da educação financeira nas escolas é a contribuição para a qualidade de vida de todos os envolvidos, através do planejamento das bases da vida financeira, estimulando a interdisciplinaridade no aprendizado e adequando informação à realidade de cada estudante, orientando crianças e jovens a lidarem melhor com as finanças, fazendo com que os mesmos propaguem essas informações recebidas no ambiente familiar e as levem para a vida, transformando assim o país, que hoje tem um índice alto de pessoas endividadadas.

Nesse contexto, muitos adultos que hoje passam por dificuldades não receberam informações sobre finanças em casa. Pode-se afirmar neste manuscrito que faltou a eles uma educação específica, pois finanças fazem parte da vida e invariavelmente terão que lidar com situações que envolvam conhecimento econômico, e para isso é mais fácil lidar quando possuímos alguma base de conhecimento.

Muitas pessoas passam dificuldades, se quebram, não conseguem ter uma melhor qualidade de vida, por que desconhecem totalmente o assunto. A ignorância financeira com a preguiça leva o ser humano à pobreza. A falta de capacidade de administrar seus próprios recursos é o resultado do analfabetismo financeiro, poucos conhecem e sabem efetivamente administrar seu dinheiro (PERETTI, 2007, p. 15-16).

Na maioria das vezes os problemas financeiros de uma família não advêm da falta de recebimentos de recursos, mas sim na maneira equivocada como ela faz os gastos, sendo este, na maioria das vezes, o maior problema das famílias, que por não terem noção financeira, não calculam qual a renda mensal da família e o quanto podem gastar, fazendo gastos que ultrapassam as receitas. Obter mais informações sobre quais são os recursos mensais da família seria o primeiro passo, de acordo com Kioyosaki (2000, p. 275):

[...] a maior parte das pessoas não entende que na vida o importante não é quanto dinheiro você ganha, mas quanto dinheiro você conserva, ou qual a

melhor maneira de gastá-lo, de forma a manter o equilíbrio financeiro e ainda preservar recursos futuros.

Assim, a inclusão da educação financeira nas escolas, dando subsídio às crianças/adolescentes, é extremamente importante. Preparar as crianças para lidar com seu dinheiro e torná-las adultos mais conscientes certamente pavimentará um caminho que possibilita a melhora, partindo do micro para o macro, ou seja, educando a criança que propagará de forma direta e indiretamente para toda a população, logicamente em certo espaço de tempo (KIOYOSAKI, 2000).

Não só a escola, mas também os pais têm papel fundamental na formação de cidadãos cientes do seu papel econômico e social no país, sendo assim, a abordagem deste tema não irá impactar somente a criança como também os pais que indiretamente estarão participando e os professores que irão buscar conhecimento para repassar aos alunos, atingindo, além destes, todos os demais envolvidos no processo.

É de conhecimento geral, que o país atravessa extrema dificuldade econômica, fruto, infelizmente, de falta de planejamento e conhecimento, em especial conhecimento financeiro. Portanto capacitar, cada vez mais, um número maior de pessoas para administrarem suas finanças, certamente possibilitará, além da melhoria de vida dessas pessoas, numa melhoria de forma ampla a atingir toda a nação (KIOYOSAKI, 2000).

### **Educação financeira e planejamento familiar**

Antes, no Brasil, quando a inflação era exorbitante e fazia com que as pessoas ao receber seus salários corressem aos supermercados para adquirirem mantimentos em grandes quantidades, estocando-os em suas despensas, antes que houvessem as constantes remarcação de preços, a educação financeira não tinha essa importância que tem hoje, a noção de poupar e aplicar era distante da massa da população. Hoje, com a economia mais estabilizada e certa ascensão social das classes menos favorecidas ocorreram uma mudança nas necessidades sem contanto a população adequar-se de acordo com sua capacidade financeira.

Em primeiro lugar, o fato de que vários de nós, adultos sobreviventes deste período, de alguma maneira continuamos assombrados pelo fantasma da instabilidade. São marcas de desconfiança em relação ao dinheiro - cicatrizes-que perduram. [...] a segunda consequência herdada do período de inflação foi à ausência de uma educação financeira sólida em nossa formação (D'AQUINO, 2008, p. 9).

Mesmo que as escolas ainda não tenham adotado a educação financeira como matéria ou incorporado as suas disciplinas, a influência da família na formação das crianças é muito grande, por isso, introduzir a economia no dia a dia da criança ajuda como levá-las ao mercado para que tenham noção de preços, fazer listas com relação de itens que devem ser adquiridos por não terem mais em casa, dar mesadas e estimular o uso de planilhas, para que possam anotar o valor recebido e como foi gasto, incentivar que ela poupe o dinheiro através de um pequeno cofre ou da poupança.

Desse modo, pode ser agregado à função de cada educador, introduzir ou aperfeiçoar a educação financeira na vida dos seus educandos, conforme Stephani:

Cada indivíduo participante do processo de formação do ser humano tem uma parte de responsabilidade nesse processo de mudança pela qual a educação passa. E a educação financeira vem ser um elo entre várias áreas do conhecimento, no sentido de fazer com que trabalhem juntas e formem na epistemologia do aluno, conceitos capazes de instrumentalizá-lo para a construção de sua autonomia (STEPHANI, 2005, p. 12).

É muito importante que os pais entendam que, além de ensinarem os filhos sobre economia, que eles sejam exemplos do que ensinam. É notório os filhos seguirem os exemplos dados pelos pais, não adianta dar mesada e estimular que os mesmos poupem parte do valor recebido quando não tiverem a necessidade do uso, se os pais não economizam da forma que ensinam, estão sempre no vermelho no cartão de crédito, fazem empréstimos ou adquirem algo parceladamente pagando juros exorbitantes. A disciplina deve ser adotada como hábito para que a prática ande lado a lado com a teoria (STEPHANI, 2005).

Disciplina seria não somente se controlar com gastos a ponto de deixar de adquirir coisas essenciais ao uso diário da família, mas saber qual melhor momento para comprar e como poderia adquirir um bem da melhor maneira e pelo melhor valor, evitando contas que ultrapassam os recursos e muitas vezes pagando juros desnecessários. Martins exemplifica bem sobre disciplina:

A disciplina é uma característica que, embora esteja ligada a traços de personalidade do indivíduo, pode ser aprendida. O ser humano é um animal com capacidade evolutiva, e pode no tempo que lhe é concedido viver, adquirir características e habilidades, pela educação, pelo estudo, pela experiência e pela dor (MARTINS, 2004, p. 98)

Nesse contexto, as famílias devem adotar ferramentas para que todos os

integrantes, em conjunto, possam entender a necessidade da mudança de hábitos e a importância da gestão financeira pessoal e familiar. Uma ferramenta de grande importância é o orçamento, ele serve de parâmetro para as práticas de consumo, ele é uma planilha onde alimentamos com todas as movimentações dos recursos (receitas, despesas, investimentos e financiamentos) de forma organizada propiciando um gerenciamento das finanças, onde a receita deve superar as despesas, caso o mês não consiga fechar nesta lógica é necessário traçar mudanças para conseguir estancar o déficit, através do planejamento das despesas envolvendo todos os membros da família, buscando metas individuais com o objetivo de envolver todos os membros no processo.

Um orçamento é um plano que ajuda, a saber, quanto uma família gasta e mantém suas despesas dentro do quanto ganha. Ajuda na maturidade financeira, proporcionando controle e domínio dos desejos impostos pela pressão do mercado. O orçamento deve contribuir para estabelecer limites e saber gerenciá-los (PERETTI, 2007, p. 8).

Em reportagem da revista Veja, editora abril, do ano de 2009, forma reunidos alguns especialistas, psicólogos e educadores para desenvolver um estudo apontando cada fase comportamental da criança em relação ao uso do dinheiro, os erros mais cometidos pelos pais nestas fases e a orientação quanto às estratégias corretas para lidar com cada etapa, algumas ponderações e resultados das análises podemos ver no quadro 2 que segue.

**Quadro 2** – Erros na Educação dos Filhos

Idade	Os erros mais comuns nessa fase
<p><b>De 5 a 7 anos A capacidade de entender questões relacionadas a dinheiro ainda é pequena. A criança não está pronta para controlar gastos nem para diferenciar o caro do barato</b></p>	<p><b>Situação 1:</b> pôr o filho a par de todos os detalhes da situação financeira da família – quanto os pais ganham, quanto custa cada coisa, quais as dívidas. Por que os pais o fazem: acreditam que a criança deve, desde cedo, conhecer a realidade financeira da família para que entenda que é preciso economizar Por que está errado: se os pais começam a detalhar contas, gastos e dificuldades, as crianças podem entender que custam muito caro à família e ficar angustiadas. É comum que comecem a dizer que não precisam de determinadas coisas, costuma ser sinal de ansiedade. A estratégia correta: a criança precisa de exemplos práticos para começar a entender o valor das coisas. Se a família vai viajar nas férias, já é um bom começo pedir a ela que participe das economias da casa naquele momento.</p>

<p><b>De 8 a 12 anos</b> Nessa fase surgem as primeiras comparações com a situação financeira dos amigos. Ainda não entendem situações complexas como dívidas da família</p>	<p><b>Situação 1:</b> abrir uma poupança para aplicar a mesada do filho – e impedi-lo de mexer nesse dinheiro. Por que os pais o fazem: porque acreditam que é importante ensinar os filhos a poupar desde cedo. Por que está errado: parte do processo de aprender a economizar dinheiro é saber como gastá-lo. Incluindo fazer escolhas e, às vezes, arrepender-se delas. A estratégia correta: até os 11 anos, a melhor maneira de ensinar a poupar é estimular objetivos de curto prazo. Um exemplo: se a criança quer comprar figurinhas e precisa poupar 1 real por semana, ajude-a a economizar . A partir dos 12 anos, a poupança é uma opção, mas sem o uso do cartão.</p>
<p><b>De 13 a 17 anos</b> O adolescente já tem alguma capacidade de compreensão, organização e planejamento a médio prazo do uso do dinheiro. No entanto, ainda tem dificuldade com o manejo a longo prazo</p>	<p><b>Situação 1:</b> dar ao filho adolescente um cartão de crédito. Por que os pais o fazem: porque acham que os filhos já têm maturidade suficiente para usá-lo. Por que está errado: o cartão de crédito ensina somente a gastar e nunca a economizar. Isso solapa o aprendizado da poupança, que é especialmente importante na adolescência. A estratégia correta: o cartão só deve ser introduzido a partir dos 18 anos e, ainda assim, em uma conta conjunta com um dos pais. É a forma de acompanhar de perto a relação do filho com os gastos. Se o cartão for necessário antes dessa idade, como no caso de viagem, é bom dar a ele primeiro um cartão de débito. Fica mais fácil controlar o que entra e o que sai.</p>
<p><b>De 18 a 21 anos</b> Ele já é perfeitamente capaz de assumir sua vida financeira, fazer escolhas e ser responsável por seus atos.</p>	<p><b>Situação:</b> dar mesada ao filho com mais de 21 anos. Por que os pais o fazem: como os filhos estendem cada vez mais a permanência na casa dos pais, muitos continuam a tratá-los como dependentes, ainda que já recebam o próprio salário. Por que está errado: o jovem não se sente estimulado a trabalhar. Muitas vezes o salário é inferior ao que recebia dos pais. Frustração e acomodação no início da vida adulta comprometem o amadurecimento. A estratégia correta: é importante que, a partir do momento em que entra na faculdade e começa a fazer um estágio, o filho assuma pequenas contas ou despesas da família. Pode ser a própria conta de celular, a gasolina do carro ou mesmo o pão que compra todos os dias pela manhã.</p>

Fonte: Revista Veja, junho de 2009.

Desse modo, pode-se compreender, conforme o quadro, que desde a infância até o início da vida adulta, os pais cometem alguns erros na condução da vida financeira dos filhos, que, mesmo objetivando boas ações, acabam por criar seus filhos de forma a, na maioria das vezes, passar por dificuldades financeiras em sua vida adulta. Isso ocorre muito devido os pais, não terem tido qualquer contato sobre educação financeira, e possuírem somente conhecimento empírico.

Conforme Ross, Westerfield e Jordan (1997, p. 82), “o planejamento financeiro estabelece o modo pelo qual os objetivos financeiros podem ser alcançados”. Podemos verificar que o planejamento é o meio mais assertivo de diminuir os riscos para

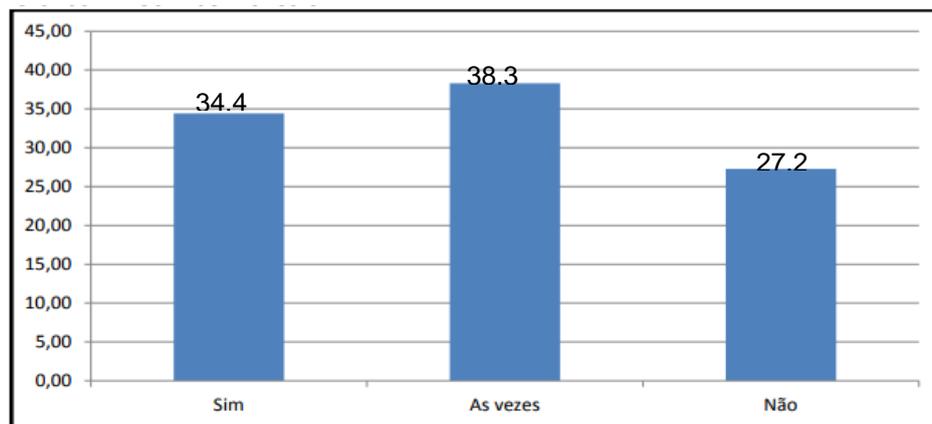
obtenção dos objetivos ou para a realização dos sonhos traçados pelos membros das famílias seja em conjunto ou individualmente.

### Resultados da pesquisa

Foram aplicadas nove questões para cada questionário, ao qual tratavam da renda familiar mensal, da forma em que a essa gastava sua renda, se poupavam algum recurso. Buscou-se conhecer as finanças e economia, sendo extraídos do total de questões, oito gráficos, onde podemos visualizar os dados das repostas. Inicialmente, foi perguntado aos alunos se eles recebiam mesada ou outra forma de ganho mensal.

De acordo com o gráfico 1, nota-se que 34,41% dos alunos entrevistados disseram que possuem alguma forma de ganho mensal, 38,31% disseram não ter regularidade de recebimento, e 27,29% não recebem algum tipo de remuneração. Concluindo que 72,71% dos entrevistados possuem algum tipo de receita. Foi perguntado aos alunos se eles guardavam, ou poupavam o recurso que eles ganhavam mensalmente ou invariavelmente.

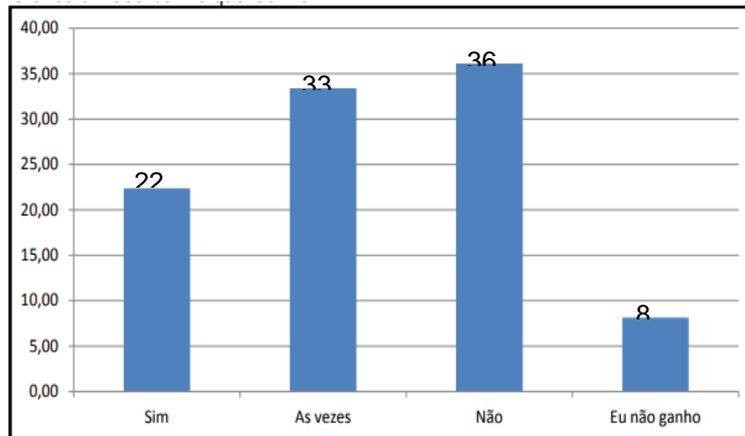
Gráfico 1 - Ganhos Mensais



Fonte: Dados da Pesquisa, 2016 do Projeto de Extensão Educação Financeira para a Cidadania.

Conforme o gráfico 2, podemos perceber que 36,10% responderam que não guardam, 33,39% responderam que as vezes, 22,37% disseram que sim e 8,14% responderam que não possuem ganhos. Assim, demonstrando que a maioria dos alunos não poupa algum recurso que porventura possam receber.

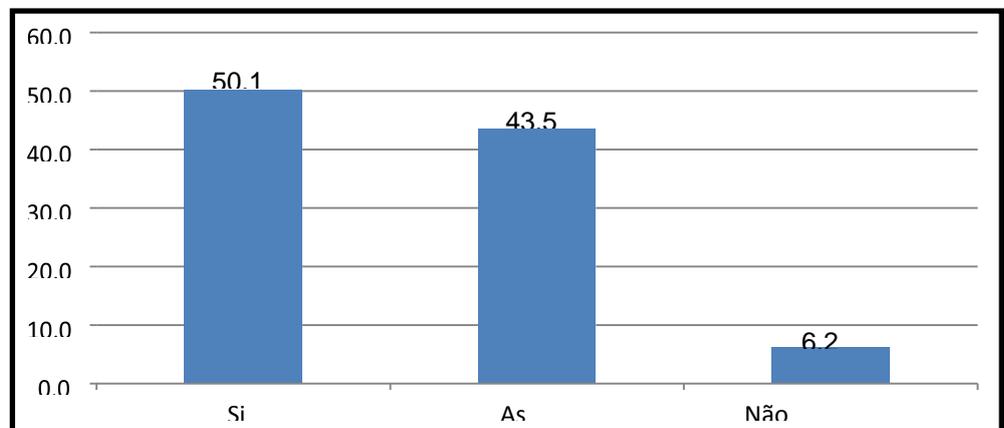
**Gráfico 2 - Guardam o que Ganham?**



Fonte: Dados da Pesquisa, 2016 do Projeto de Extensão Educação Financeira para a Cidadania.

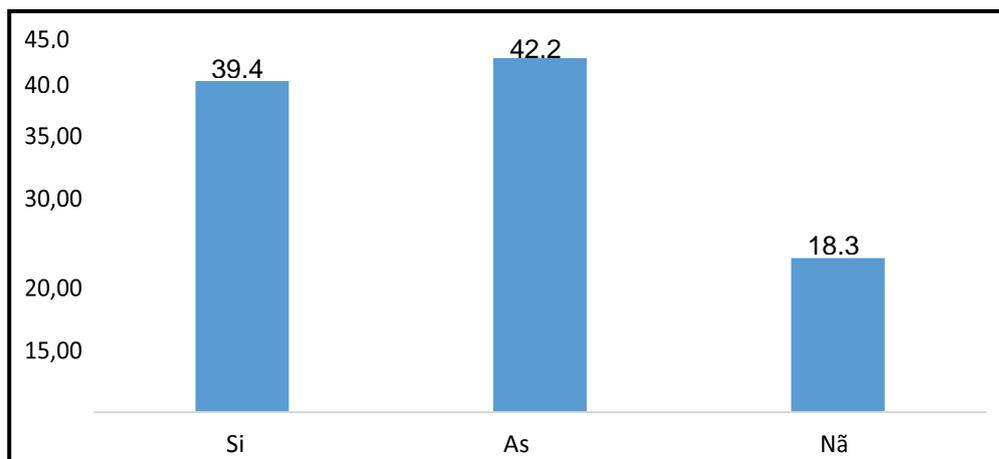
Foi questionado aos alunos se os pais conversam sobre as despesas que possuem e definem maneiras de economia doméstica, ou seja, se havia comunicação sobre o que e como era gasto os recursos da família, quanto poderia se gastar com cada coisa, momentos de reduzir gastos e se havia economia, ou era poupado algum valor. Os dados obtidos estão contidos no gráfico 3.

**Gráfico 3 - Nível de Informação Sobre Gastos e Economia**



Fonte: Dados da Pesquisa, 2016 do Projeto de Extensão Educação Financeira para a Cidadania.

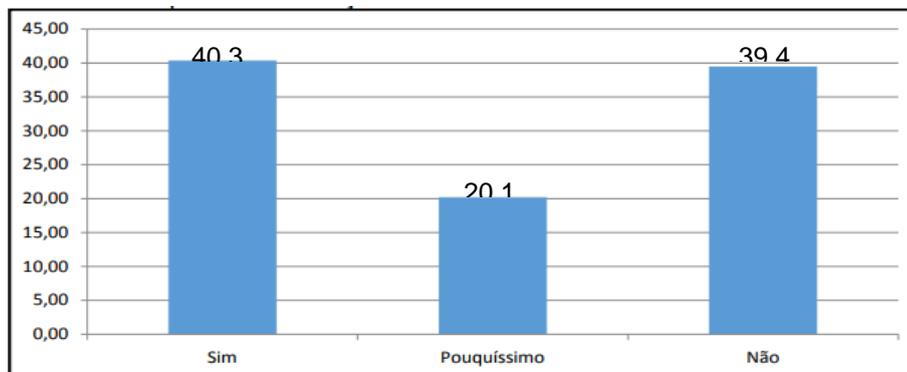
De acordo com o gráfico 3. a interação dos alunos entrevistados com a economia doméstica, 50,17% responderam que sim, interagem e economizam, 43,56% responderam que as vezes e 6,27% não falam sobre despesas e não ajudam a economizar. Perguntado se nas casas dos entrevistados havia um orçamento familiar, previsão dos rendimentos e gastos efetuados, resultando no gráfico 4.

**Gráfico 4 - Orçamento Familiar**

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016 do Projeto de Extensão Educação Financeira para a Cidadania.

Segundo os dados do gráfico 4, vemos que 42,20% dos entrevistados responderam que as vezes fazem, 39,45% responderam que sim, fazem orçamento familiar, enquanto 18,35% disseram que não fazem orçamento familiar. Foi constatado que a maior parte dos entrevistados não faz o orçamento familiar com regularidade, o que implica com que as famílias não tenham uma noção real da saúde financeira familiar. As famílias entrevistadas foram questionadas se já tiveram alguma orientação educacional sobre finanças e economia.

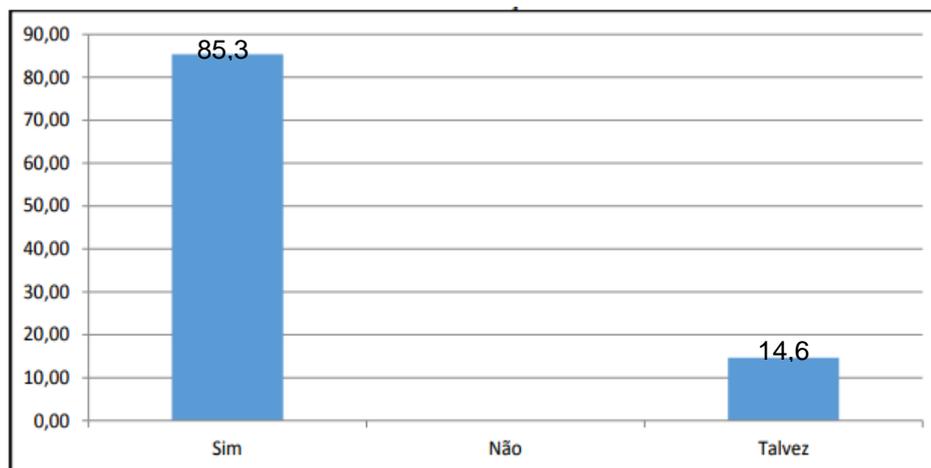
Segundo o gráfico 5, observa-se que 40,37% dos entrevistados responderam que sim, já tiveram algum contato com educação financeira, enquanto 39,45% disseram que não e 20,18% disseram que pouquíssimo. Podemos perceber com este resultado que a maior parte dos entrevistados não possui nenhum conhecimento sobre educação financeira ou possui conhecimento insuficiente.

**Gráfico 5 – Conhecimento sobre Educação Financeira**

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016 do Projeto de Extensão Educação Financeira para a Cidadania.

Em questão direcionada aos pais ou responsáveis pelos alunos foi feito questionamento se eles acreditam que aulas sobre educação financeira poderiam influenciar positivamente na estrutura familiar e no desenvolvimento da sociedade. O percentual obtido e a análise dos dados podem ser percebidos no gráfico 6 que segue.

**Gráfico 6** - Influência das Aulas Sobre Educação Financeira



Fonte: Dados da Pesquisa, 2016 do Projeto de Extensão Educação Financeira para a Cidadania.

De acordo com as respostas demonstradas neste gráfico, 85,32% responderam que sim, acreditam que as aulas de educação financeira poderiam influenciar positivamente na estrutura familiar e no desenvolvimento da sociedade, 14,68% responderam que talvez. Fica demonstrado que as famílias entrevistadas acreditam que a educação financeira seja bastante importante e possa trazer uma grande contribuição para as crianças e adolescentes que tem acesso, o mais cedo possível, podendo estender o conhecimento e os benefícios advindos destes tanto para a família quanto para a sociedade de modo geral, contribuindo para reduzir, cada vez mais, o número de famílias que se encontram em dificuldades financeiras.

### Considerações Finais

Educação Financeira é um tema novo e para muitos, ainda desconhecido, ela busca educar para o uso racional das receitas objetivando que estas cubram as despesas, possibilitando saldo positivo para que seja possível fazer algum investimento com a finalidade de pessoas alcançarem seus objetivos, realizando seus sonhos, e que possam

ter sempre alguma reserva para qualquer momento difícil e até mesmo na velhice. Teoricamente parece ser fácil executar esse equilíbrio de gastar menos do que ganha, porém na prática percebe-se a necessidade de muito conhecimento para entender o que realmente é necessário daquilo que é supérfluo ou que pode ser postergado para momento mais oportuno. Fator que torna essa tarefa ainda mais difícil é o impulso capitalista que a maioria das pessoas tem, bem como tudo que o cerca, a família, a propaganda, o dia a dia fazem com que acabemos por adquirir algo que não necessitávamos somente pela influência que uma propaganda ou alguém nos imprime.

As gerações anteriores, que hoje são pais e avós desta geração, não possuíam muito conhecimento sobre finanças, pois viviam em tempos onde a inflação era desenfreada, havendo remarcação de preços quase que diariamente, fazendo com que estocassem alimentos por maior período, sendo quase impossível viabilizar ou manter qualquer tipo de controle ou orçamento, e poucas famílias conseguiam investir parte de sua renda.

Com a carência crescente de conhecimento sobre economia e finanças familiares, percebemos a necessidade de incluir a disciplina de Educação Financeira na matriz curricular das escolas de ensino fundamental, possibilitando o preparo de crianças e jovens para uma vida financeira saudável criando uma reação em cadeia que atingiria pais, professores e toda a sociedade.

## Referências

D'AQUINO, C. **Educação financeira** - como educar seus filhos. São Paulo: Campos, 2008.

D'AQUINO, C. **Educação financeira** - como educar seus filhos. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

GITMAN, L. J. **Princípios da administração financeira**. São Paulo: Harbra, 1997.

G1 GLOBO. **Aposentados**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/seu-dinheiro/noticia/2016/09/mais-de-um-terco-dos-aposentados-continua-trabalhando-diz-pesquisa.html>>. Acesso em: 11 jul. 2017.

KIOYOSAKI, R. T.; LECHTER, S. L. **Pai rico, pai pobre**: o que os ricos ensinam a seus filhos sobre dinheiro. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

MARTINS, J. P. **Educação financeira ao alcance de todos**: adquirindo conhecimentos

financeiros em linguagem simples. São Paulo: EFE, 2004.

PERETTI, L. C. **Educação financeira na escola e na família**. Dois Vizinhos: Impressul, 2007.

RAMPAZZO, L. **Metodologia científica**. São Paulo: Loyola, 2005.

RERVISTA VEJA. **Educação Financeira [...]**. São Paulo, ed. 2117 de 17 de junho de 2009.

ROSS, S.; WESTERFIELD, R.; JORDAN, B. **Princípios de administração financeira**. São Paulo: Atlas, 1997.

SANTOS, J. C. V.; TIRADENTES, L.; SANTOS, R. J. Os trabalhos de campo como contribuições para o ensino de geografia: turismo, lugar e patrimônio. **Revista Ponto de Vista**, Viçosa, v. 6, p. 10-21, 2010.

SOUZA, A. R.; SALES, T. K. P. **Educação financeira em escolas de educação básica em Caldas Novas - GO 2015**. [n. p.]. Graduação (Trabalho de Conclusão de Curso em Administração) – Curso de Administração, Universidade Estadual de Goiás, Caldas Novas, 2015.

STEPHANI, M. **Educação financeira: uma perspectiva interdisciplinar na construção da autonomia do aluno**. 2005. 79 f. Dissertação (Mestrado em Ciências e Matemática) - Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.